

AS FUNÇÕES REFERENCIAIS DO DÊITICO ESPACIAL

Natália Luísa Ferrari (UNICAMP)¹
mandarine88@gmail.com

Introdução

Tomando a dêixis como um fenômeno contextualizador das línguas naturais, cuja interpretação faz uso de diversos conhecimentos partilhados pelos interactantes (MARCUSCHI, 1997), buscamos investigar² as funções referenciais do fenômeno a partir da análise de elementos dêiticos espaciais em interações entre sujeitos afásicos³ e não afásicos. Nossa escolha justifica-se pela consideração de um caráter excessivo e compensatório de déficits metalingüísticos ao uso dêitico de afásicos por autores como Lesser e Milroy (1996) e Ahlsén (2006). O contexto interativo escolhido para análise são as reuniões semanais do Centro de Convivência de Afásicos (CCA)⁴ situado no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

Considerando as relações de continuidade possíveis entre o estado normal e o patológico da linguagem (CANGUILHEM, 1966; MORATO, 2010), buscamos investigar e qualificar o uso dêitico apresentado por sujeitos afásicos e não afásicos. Voltamo-nos em especial para a chamada dêixis discursiva (doravante “DD”), responsável por criar um foco de atenção comum aos interactantes no texto (MARCUSCHI, 1997). O fenômeno, segundo Cavalcante (2000), envolve uma metaforização do espaço dêitico através da transposição das coordenadas do ambiente físico da conversação para o texto, podendo esses dêiticos apresentarem, metaforicamente, um sentido temporal cujo ponto de referência é o momento de sua inserção no texto para a focalização da atenção dos interactantes.

Em nossa pesquisa, considerando a existência de diferentes graus de metaforicidade no estabelecimento da dêixis discursiva, a fim de abarcar as diferentes funções referenciais dos dêiticos espaciais encontrados, classificamos as ocorrências de nosso corpus em 1) prototípico, 2) discursivo e 3) metafórico (FRAGOSO, 2003). Com base em dados que compõem nosso *corpus* de pesquisa, procuraremos, à luz de uma perspectiva textual-interativa, que considera aspectos lingüísticos e cognitivos, evidenciar a função dêitica de, ao referir, tanto ao ambiente físico, quanto ao texto falado, criar focos de atenção preferenciais entre os interactantes afásicos e não afásicos,

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) sob Orientação da Prof^a Dr^a Edwiges Maria Morato. Bolsista da agência de fomento Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Este artigo foi elaborado a partir de nossa pesquisa de Iniciação Científica financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq Processo nº 111049/2012-5), que atualmente tem seu desdobramento realizado em nossa pesquisa de Mestrado. Ambas as pesquisas são de orientação da Prof^a Dr^a Edwiges Maria Morato.

³ Afasia, *grosso modo*, refere-se aos problemas de linguagem oral e/ou escrita decorrentes de lesões cerebrais causadas por acidentes vasculares cerebrais, tumores e traumatismos crânioencefálicos (MORATO, 2010).

⁴ Nas reuniões semanais do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), os sujeitos afásicos, em conjunto com os não afásicos, interagem nas mais diversas práticas sociais e discursivas construindo intersubjetivamente a referência e a estruturação conversacional, mobilizando recursos comunicativos e semiológicos de ordem verbal e não-verbal (cf. Morato *et al.*, 2002).

de modo a atuar sobre o sistema de relevância para a construção do contexto (HANKS, 2008).

1. O estatuto referencial da dêixis e sua atuação na construção da relevância contextual

Ao invés de pensar a referência lingüística através de uma relação especular entre os símbolos lingüísticos e seus referentes no mundo físico, Mondada e Dubois (2003), sob um viés sociocognitivo do fenômeno, voltam-se para a relação intersubjetiva e social através da qual são elaborados os chamados *objetos de discurso*. Desse modo, as autoras propõem o deslocamento do estudo da referência lingüística em si para o processo da referenciação, através da qual os sujeitos falantes elaboram suas “versões públicas do mundo” (p. 17). Ainda que considerem as categorias cognitivas e lingüísticas marcadas por uma instabilidade advinda das negociações de sentido que ocorrem entre os interactantes, as autoras argumentam que o caráter memorial das estruturas cognitivas dos sujeitos e os procedimentos sistemáticos que organizam a co-construção dos objetos de discurso garantem certa estabilidade ao seu mundo.

De maneira semelhante, Tomasello (2003, p. 135) considera a questão da referência lingüística como um ato *social* através do qual “uma pessoa tenta fazer com que outra dirija sua atenção para algo do mundo”. Além disso, o autor assinala que a idéia do referencialismo lingüístico se mostra inadequada teórica e empiricamente se pensarmos na aquisição e no uso de símbolos lingüísticos cuja conexão com o mundo perceptual é mais tênue que a de um nome próprio ou um substantivo básico (TOMASELLO, 2003), como os elementos dêiticos que estudamos.

Tradicionalmente, a dêixis é concebida como elemento contextualizador da interação em relação ao ambiente físico da conversação. Marcuschi (2007, p. 109) considera que muitos semanticistas atribuem ao elemento dêitico um esvaziamento de sentido, por conta de sua dependência contextual, mas nos lembra da inexistência de um “contexto zero” para a interpretação dos enunciados⁵.

Em nossa pesquisa, adotamos a concepção de dêixis trazida por Marcuschi (1997), para o qual o fenômeno dêitico, presente em todas as línguas naturais, tem uma função contextualizadora da fala e da escrita, fazendo diversas exigências ao conhecimento partilhado pelos falantes. O autor chama a atenção para a dimensão referencial da dêixis exibe estratégias de processamento diferentes da referencia lexical.

Outro aspecto constitutivo do fenômeno é o fato de que, através da elaboração de objetos de discurso na atividade referencial que realizam, esses elementos atuam na construção do contexto, evidenciando a participação dessa categoria na explicação para o sentido. Para Hanks (2008), a construção da categoria contextual se dá partir do fator da relevância, o que implica a saliência de um tema ou ponto focal em relação ao pano de fundo no qual se insere. Tal saliência pode ser construída, por exemplo, a partir do apontamento da dêixis seja para o ambiente físico da conversação, seja para uma metaforização deste espaço no texto, onde o fenômeno focaliza determinados conteúdos e proposições na criação de um foco de atenção preferencial no texto.

Assim como Marcuschi (1997) e Cavalcante (2000), Hanks (2008) aponta para o papel da dêixis de, ao referir, criar um novo foco de atenção, a partir de seus traços de diretividade, variável em ênfase e força. Sendo assim, a principal função dêitica seria a de orientar a atenção dos interactantes com base em seu sistema de coordenadas, construindo o cenário de relevância. No caso da dêixis discursiva – para a qual nos

⁵ Nesse sentido, convocamos a reflexão de Vereza (2007), segundo a qual a literalidade pode ser considerada uma metáfora ontológica, responsável pela entificação do sentido.

voltaremos mais detalhadamente na sessão 3. – consideramos a transposição dessas coordenadas para o texto concebido como um espaço.

2. Dêixis e Afasia

Partindo de uma concepção idealizada e normativista da linguagem humana, os estudos afasiológicos comumente baseiam-se na dicotomia entre o normal e o patológico na busca de uma semiologia que explique e classifique as afasias. Nosso interesse acerca do uso dêitico por parte de sujeitos afásicos e também não afásicos deve-se ao caráter excessivo e essencialmente compensatório com que o fenômeno comparece na fala dos primeiros, para autores como Lesser & Milroy (1996) e Ahlsén (2006).

Segundo Lesser e Milroy (1996), considerando a deficiência sintática de sujeitos afásicos, espera-se uma alta incidência de dêiticos na fala desses sujeitos, uma vez que, no lugar de uma expressão referencialmente mais explícita, tais elementos possibilitam ao falante um meio de produzir sentenças bem formadas, relativamente inteligíveis, com custos de processamento cognitivo reduzidos. Além de abundante em função da carência afásica, a dêixis assumiria o papel de uma “estratégia comunicativa compensatória”, nos termos de Miller (1990, p. 103 *apud* LESSER e MILROY, 1996, p. 123), tornando-se assim, uma espécie de substituto ou alternativa à evocação deficitária ou ausente.

Ahlsén (2006) pontua que, em alguns casos de distúrbios da fala, quando a comunicação simbólica é afetada, faz-se necessário compensar o déficit com a comunicação icônica ou indexical, o que confere ao gesto dêitico de apontar, por exemplo, o lugar de uma palavra que não fora encontrada.

Atribuir à dêixis, seja ela verbal ou gestual, um caráter essencialmente compensatório na fala afásica sugere que ela ali se apresenta como uma excrescência que advém da impossibilidade de um uso mais “apropriado” da linguagem. No presente trabalho, investigamos a dêixis na fala de sujeitos afásicos e também na de não afásicos, por acreditarmos, a partir de uma perspectiva que não vê uma ruptura rígida entre o normal e o patológico, na existência não somente de diferenças, mas também semelhanças na emergência do fenômeno na fala de ambas as populações (CANGUILHEM, 1995 [1966]; MORATO, 2010).

3. O percurso metafórico dos dêiticos discursivos

Como mencionamos anteriormente o fenômeno dêitico é tradicionalmente considerado o elo entre a linguagem e o mundo físico, por referir-se ao contexto extralingüístico. Em nossa pesquisa, os elementos que apresentavam tal característica, foram classificados como prototípicos, como é o caso dos dêiticos “aqui e “cá” destacados no excerto interativo abaixo, extraído de nosso *corpus*.

- (1) Contexto: O grupo está reunido para começar a escrever as matérias para o jornal anual do CCA elaborado pelos integrantes e EM organiza e divide a equipe em grupos.

Pesquisadores: EM, EG, NF, NE e AM

Afásicos: LE, EC, SP, RL, MG, MS, VM, SI

EM: natália ((para NE))... você pode ficar **aqui** com o renato e o seu silvano *-----* ((aponta para onde RL e SP estão)) ... vamos ver se funciona assim, tá bom?... é:: natália vem **cá** ((para NF, que vai até EM)) você pode ficar **aqui**

com o lázaro e a: *-----* ((aponta para EC))... ela senta no meio tá? você pode sentar **aqui**
 EC: **aqui**?
 EM: isso... **aqui**... é::
 EG: **aqui** tá bom? Posso **aqui**? ((aproxima-se de uma cadeira próxima a EC))
 EM: tá... você pode sentar **aqui** *-----* ((aponta para perto de onde EC está)) e você ((para EC)) senta... lázaro
 LE: hum?
 EM: a natália ferrari pode sentar no meio entre você e a/ tá?... e eu sento **aqui** com a graça e o serra.
 MS: maravilha

Como podemos observar, os dêiticos espaciais “aqui” e “cá” permitem aos interactantes localizarem-se e coordenarem sua ocupação do ambiente físico da conversação na qual se inserem. Em outras situações de fala ordinária, também podemos observar a projeção dos elementos dêiticos no próprio texto falado, os chamados dêiticos discursivos (doravante DD). Segundo Cavalcante (2000), a construção da DD se dá a partir de elementos gramaticais e lexicais, como pronomes circunstanciais e demonstrativos, através da transferência das coordenadas de tempo e espaço do cenário físico real para o ambiente do texto. Para Marcuschi (1997), esse tipo de dêixis tem a peculiaridade de *apontar para* algo pontualmente não identificável no texto, consistindo em uma estratégia de compreensão e orientação do foco de atenção dos interactantes.

A DD assemelha-se aos anafóricos em geral pela sua função de retomar referentes, ainda que, a primeira tenda a recuperar conteúdos difusos (CAVALCANTE, 2000). Além disso, segundo os autores, a anáfora prevê uma continuidade referencial no texto, ao passo que a DD gera focos de atenção no espaço cognitivo e textual. Para efeito de exemplificação o dado abaixo, extraído de nosso *corpus* de pesquisa:

- (2) Contexto: O grupo conversa sobre o fato de o apresentador de televisão Sílvio Santos ter penhorado seus bens para salvar o banco Pan Americano, bem como sobre a vida do empresário.
 Pesquisadores: EM, EG, NF, NE e AM.
 Afásicos: MG, VM, MN, EC, RL, SP, SI e MS.

EM:... ele tá dando todos os negócios dele como garantia... mas ele não vai correr risco nenhum
 MS: **i::**
 [EC: é bom home
 EM: pelo contrário ele vai *-----* ((gesto que indica reversibilidade))ele vai ganhar dinheiro... ele vai ficar com o baú... com o SBT... e agora mais o banco panamericano
 ((sobreposição de vozes))
 EM: entendeu a jogada? ((para MG))... mas essa é a jogada do sílvio santos... do senhor abravanel né... é o nome dele
 NF: é o nome dele [tudo começou com uma caixa de sapato]
 EM: [ele é... ele é:: judeu libanês]
 MN: (SI)
 EM: é... ele quis/ porque abravanel não é um nome português assim né... quando ele começou a fazer ele era masCAte
 MN: é?

EM: no começo da carreira dele lá
((sobreposição de vozes))
EM: ele era mascate
MS: **isso**
EM: e **aí**/ mas ele já é brasileiro né?
MS: **maravilha**
EM: ele já é brasileiro... e **aí** acho que são judeus libaneses se não me engano
[MS: **isso**
EM: ...e **aí** ele foi/ é mascate dona natália... e começou a fazer sucesso na rádio por causa da voz... **aí** ele foi crescendo na rádio... comprou rádio... depois a televisão
MS: **isso**

No fragmento exposto acima, o dêitico discursivo “isso”, utilizado pelo sujeito afásico MS, refere-se ao discurso de EM, evidenciando a função cognitiva do elemento de monitorar a atenção dos participantes. Como observamos, a DD não aponta para o espaço extralingüístico, mas para uma “dimensão metaforizada” do ambiente físico da conversação no texto ou na memória comum (CAVALCANTE, 2000, p. 47). Podemos concluir, assim como Marcuschi (1997), que o funcionamento da DD consiste em conceber o texto como uma realidade linearizada na qual e sobre a qual agimos, figurando como o *espaço*, onde conteúdos e proposições estão situados.

Cumprir lembrar que o ato de conceber uma coisa em termos de outra é, segundo Lakoff e Johnson (2002), o funcionamento básico da metáfora. Para os autores, domínios mais abstratos de nossa experiência seriam alvo da transferência de elementos de domínios mais concretos para sua concepção. No caso, o domínio mais concreto seria o de espaço e o de texto o mais abstrato, revelando assim uma estratégia metalingüística de “apontar para” a própria linguagem. Em outras palavras, através de um percurso metafórico dos dêiticos, concebemos o próprio texto como um espaço dêitico.

Ainda sobre a interação trazida em (2), o elemento dêitico “aí” também possui função discursiva, pois atua na organização e focalização da atenção dos interactantes, criando entre eles uma “perspectiva comum e preferencial de observação discursiva” (MARCUSCHI, 1997, p. 158) no texto. Ao falar sobre Sílvio Santos, EM utiliza o dêitico “aí” para indicar uma seqüência de fatos de sua história, uma vez que o dêitico licencia a idéia de tempo através de seu significado originário de espaço.

Segundo Levinson (1983), os domínios de tempo e de espaço podem fornecer um solo fértil para metáforas um sobre o outro. Com relação a essa questão, Lyons (1975, *apud* LEVINSON, 1983) lembra que dêiticos espaciais como “this” (“este”) e “that” (“aquele”) podem ser usados com sentido temporal, sendo o momento de fala seu ponto de referência, ou no caso da DD, o momento de sua inserção no texto, quando cria uma perspectiva no texto.

Apesar do funcionamento metafórico exibido por alguns dêiticos espaciais, esses elementos não perdem seus traços significativos como espaço, ou seja, seu caráter dêitico. Cavalcante (2000, p. 52) argumenta que, nesses casos, ainda que os elementos tenham neutralizado “grande parte de seu significado originário, sobretudo de sua função, em proveito de outra função discursiva”, isso não extingue sua deiticidade. Para ilustrar melhor essa questão, trazemos abaixo outro dado extraído de nosso *corpus* de pesquisa:

- (3) Contexto: MG contara ao grupo que teve que demitir sua antiga empregada, pois ela “não fazia nada direito”. A pesquisadora HM então a questiona sobre o fato

de ela estar sozinha agora. O sujeito MS, que acaba de se mudar para um novo apartamento, também conta sobre sua empregada, bem como sobre sua nova residência.

Pesquisadores: HM, NF, NE, AM e EG.

Afásicos: LE, MN, EC, MG, VM, MS, SP e RL.

MS: hum ((entrega a agenda para HM))

HM: hum:: (3s) então vamos copiar (9s) mário serra. ele estava no apartamento/ ele tava me contando. você já contou pra todo mundo?

MS: não

HM: então, por favor... **vamo lá**

MS: é::: partamento... maravilha... é::: casa apartamento

HM: você vendeu a casa e comprou o apartamento?

MS: maravilha

No dado acima, HM emprega o dêitico “lá” na construção “vamo lá”, não com a função prototípica de localizar algo no espaço físico da interação. Se pensarmos o relato de MS ao grupo como um possível evento futuro, podemos entender a expressão “vamo lá” como um convite a realizar essa ação, que se encontra em um ponto mais ou menos distante no tempo, concebido como uma linha de eventos sucessivos. A nosso ver, tal expressão faz referência a um evento futuro, por conta do uso do dêitico “lá”, que aponta para algo que se encontra distante do momento da enunciação. Em outras palavras, ainda que possamos observar o percurso metafórico da expressão utilizada, esta conserva seu traço espacial que permite tal percurso.

Consideramos que o contexto no qual a expressão se insere nos permite interpretá-la como um incentivo a MS para que ele conte ao grupo sobre sua mudança, apresentando um caráter mais formulaico e, por isso, um maior grau de metaforicidade que as ocorrências dos dêiticos discursivos “aí” e “isso”, apresentados em (2). Existem, pois, diferentes graus de metaforicidade no percurso realizado pelos dêiticos espaciais no estabelecimento de sua função discursiva que investigamos, motivo pelo qual optamos por fazer a distinção entre os dêiticos 2) discursivos e 3) metafóricos, além dos prototípicos⁶.

4. Metodologia

Como mencionamos anteriormente, o contexto interativo por nós escolhido foram as reuniões semanais do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), nas quais os sujeitos afásicos, em conjunto com os não afásicos, interagem nas mais diversas práticas sociais e discursivas construindo intersubjetivamente a referência e a estruturação conversacional, mobilizando recursos comunicativos e semiológicos de ordem verbal e não-verbal (cf. MORATO *et al.*, 2002). As interações analisadas foram extraídas do evento interativo “Programa de Linguagem”, um momento de reunião em que os membros do CCA se engajam em conversações sobre diversos temas. A participação em uma atividade que envolve relatos, expressão de opinião, debate, dentre outros gêneros textuais-discursivos, exige dos interactantes a focalização e o monitoramento de atenção, de modo a construir o cenário de relevância das interações em questão.

⁶ A proposta de classificação que utilizamos baseia-se na escala de prototipicidade trazida por Fragoso (2003) em seu estudo acerca do dêitico “aí” no discurso oral.

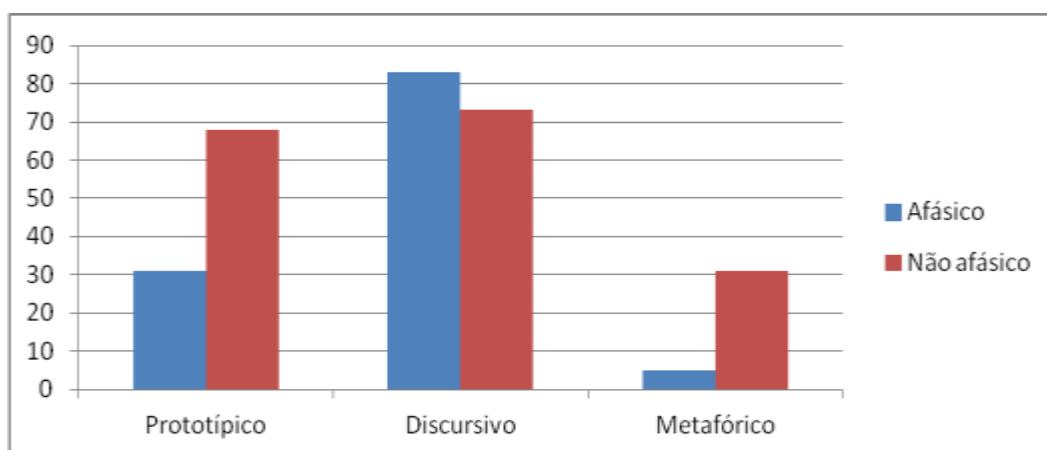
Nosso *corpus* de pesquisa constituiu-se a partir da transcrição⁷ de ocorrências dêiticas espaciais presentes em registros audiovisuais do Programa de Linguagem de 22 encontros do CCA⁸, referentes ao ano de 2010 – o que perfaz um total de 44 horas. Posteriormente, através da observação e revisão do material transcrito, selecionamos extratos conversacionais nos quais figuravam dêiticos espaciais nas três funções mencionadas acima.

É importante ressaltar o caráter longitudinal da pesquisa desenvolvida, uma vez que nossos resultados não se basearam apenas na análise quantitativa do *corpus*, mas principalmente em sua análise descritiva, com base na bibliografia e nas categorias de análise, o que procuraremos melhor ilustrar na sessão seguinte.

5. Resultados obtidos a partir da análise do *corpus*

Das 291 ocorrências levantadas no *corpus*, 40% dos dêiticos foram produzidos por sujeitos afásicos, enquanto 60% foram produzidos por não afásicos. O fato nos permite questionar a expectativa de uma alta incidência de dêiticos na fala dos primeiros, advinda de um menor custo de processamento cognitivo desses elementos, como sugerem Lesser e Milroy (1996). Ainda que analisemos a emergência do fenômeno em termos de um processamento menos custoso, tal estratégia é utilizada por ambas as populações focalizadas no presente estudo, o que inclui tanto sujeitos afásicos quanto não afásicos, pois, como nos lembra Marcuschi (1997), a dêixis possui estratégias de processamento distintas dos outros itens lexicais.

Além disso, a análise dos dêiticos encontrados evidenciou a função referencial do fenômeno na construção de diferentes propostas de sentido por parte dos interactantes. A concepção de referenciação de Mondada e Dubois (2003), para as quais a categorização advém de “práticas simbólicas mais que de uma ontologia dada” nos permite considerar as palavras como *pistas* para o sentido de um enunciado a depender do contexto interativo no qual se inserem, fato que observamos a partir das diferentes funções referenciais dos dêiticos espaciais. Observemos abaixo a proporção com que essas funções emergiram nas interações analisadas:



⁷ As transcrições que realizamos seguem as normas sistema de notação do grupo de pesquisa COGITES (“Cognição, Interação e Significação”), do ano de 2006 (em anexo).

⁸ Os registros audiovisuais que foram transcritos para esta pesquisa fazem parte do *AphasiAcervus*, acervo de dados lingüístico-interacionais, que constituem os *corpora* de pesquisas coordenados pela Prof^a Dr^a Edwiges Maria Morato junto ao grupo do CCA pelo qual é responsável.

Com relação ao dêitico classificado como “metafórico”, apesar de seu apontamento para um espaço criado pela linguagem, esse tipo de ocorrência apresenta um caráter mais formulaico que ocorrências discursivas de semelhante percurso – como é o caso das construções “até lá”, “vamo lá”, “perai”, dentre outras. Tais ocorrências foram mais produtivas na fala de sujeitos não afásicos do que na de afásicos. Interpretar esse dado à luz de uma noção de compreensão como construção do sentido com base em inferências de diferentes ordens (MARCUSCHI, 2008) nos sugere a apreensão da metaforicidade por ambas as populações em questão. Em estudo anterior, Morato (2008) pontuou a realização de um cálculo metafórico por sujeitos afásicos e sujeitos portadores de Alzheimer para interpretar expressões formulaicas com base em processos cognitivos e expectativas interpretativas em torno das regularidades lingüísticas e pragmáticas.

Ainda com relação à apreensão da metaforicidade do fenômeno dêitico, o funcionamento da dêixis discursiva – o tipo de ocorrência mais produtiva na fala de afásicos e não afásicos – que envolve a concepção do texto como um espaço e a idéia de tempo licenciada pelo dêitico espacial também sugere o caráter metafórico presente na fala das populações focalizadas.

Como podemos observar, a dêixis discursiva mostrou-se mais produtiva principalmente na fala de sujeitos afásicos, onde comumente emerge através do elemento “isso” para fazer referência ao discurso dos outros interactantes. A nosso ver, esses sujeitos, frente às suas dificuldades lingüísticas, utilizam a DD dessa forma com maior freqüência que os não afásicos. Tal uso, entretanto, longe de ser meramente compensatório revela o caráter perspectivo e intersubjetivo de sua fala, pois mostra a possibilidade de um mesmo elemento lingüístico cumprir diferentes propostas de sentido – no caso, a focalização de algo no texto – bem como a construção conjunta dos objetos de discurso, a partir da consideração da perspectiva do outro com quem se interage (TOMASELLO, 2003). Além disso, consideramos que, através de suas diferentes funções referenciais, os dêiticos contextualizam a interação, quando apontam para espaços intra ou extralingüísticos, de modo a tornar salientes determinados aspectos da interação, por conta do seu caráter focalizador.

Conclusão

A partir da noção de referenciação como a (re)elaboração de objetos de discurso através das constantes negociações por parte dos interactantes na atividade discursiva (MONDADA e DUBOIS, 2003), consideramos a dêixis um elemento referenciador que pode exibir diferentes funções no discurso. Os dêiticos espaciais não funcionam exclusivamente como locativos no ambiente físico da conversação, o sentido considerado como o mais prototípico de sua categoria. Nossos dados revelaram a criação de um espaço por esses elementos no próprio texto, a fim de organizá-lo e focalizar a atenção dos interactantes, os chamados “dêiticos discursivos” (MARCUSCHI, 1997; CAVALCANTE, 2000). Observam-se diferentes graus de metaforicidade no estabelecimento do fenômeno, e por isso classificamos nossos dados de acordo com sua função mais 1) prototípica, 2) discursiva, ou 3) metafórica.

A dêixis discursiva na fala de sujeitos afásicos é comumente mais utilizada para focalizar conteúdos e proposições na fala de outros sujeitos, para o que lançamos a hipótese de que, frente às suas dificuldades com a linguagem, esses sujeitos tendam a referir-se ao discurso de outros participantes da interação com maior freqüência do que o fazem os sujeitos não afásicos. Ainda assim, consideramos que tal uso envolve a

preservação do caráter perspectivo e intersubjetivo em sua linguagem (TOMASELLO, 2003). Além disso, chamamos a atenção para a metafóricidade que caracteriza a produção dos dêiticos classificados como discursivos e metafóricos pela concepção do texto como espaço e o licenciamento da idéia de tempo pelo seu sentido espacial, podendo apresentar um caráter mais formulaico, caso dos dêiticos classificados na segunda função.

Ainda que a tipologia por nós utilizada saliente a possibilidade de o dêitico possuir diferentes funções referenciais consideramos que o fenômeno demonstra sua natureza sociocognitiva ao não apenas se associar ao contexto, como atuar em sua construção a partir da focalização da atenção dos interactantes no espaço intra ou extralingüístico.

Referências Bibliográficas

AHLSÉN, E. *Introduction to Neurolinguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2006.

CAVALCANTE, M. M. *Expressões indiciais em contexto de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos*. Tese de doutorado: Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

FRAGOSO, L. C. P. L. O Dêitico “Aí” no Discurso Oral e a Proposta Cognitivista. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, v. 1, n. 4, jan./mar., 2003. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/view/409>>. Acesso em: 18 ago. 2012.

HANKS, W. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002. Tradução: Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM), sob Coordenação de Mara Sofia Zanotto e pela tradutora Vera Maluf.

LESSER, R. & MILROY L. *Linguistics and aphasia: psycholinguistic and pragmatic aspects of intervention*. New York: Longman, 1996.

LEVINSON, S. C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

MARCUSCHI, L. A. A dêixis discursiva como estratégia de monitoração cognitiva. In: KOCH, I.V.G; BARROS, K. S. M. *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal: EDUFRRN, 1997. p. 156-171.

_____. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B B.; CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MORATO, E.M. As querelas da semiologia das afasias. In: MORATO, E. M.. *A semiologia das afasias – perspectivas lingüísticas*. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. O caráter sócio-cognitivo da metaforicidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas por pessoas com afasia e com doença de Alzheimer. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 16, n. 2, p. 20-26, 2008.

MORATO, E. M. *et. al. Sobre as afasias e os afásicos – subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos*. Campinas: Unicamp, 2002.

TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VEREZA, S. *Literalmente falando*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2007.

Anexo:

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Incompreensão de palavras ou segmentos	(SI)	Então é...olha deve ta com (SI)...deixa eu ver...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	Aqui (livro)...ah
Truncamento ou interrupção brusca	/	Dia pri/trinta e um de julho
Entonação enfática	Maiúscula	AfaSIAS
Prolongamento de vogal e consoante	: (podendo aumentar de acordo com a duração	Agora...a:...a Ida Maria que pesquisou
Silabação	-	Ser-vi-do-res
Interrogação	?	Pra quem você mandou isso?

Qualquer pausa	...	Ela veio qui... perguntar... veio se instruir
Pausas prolongadas (medidas em segundos)	(4s)	Eu (5s) tirava <i>indica 5 segundos de pausa</i>
Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))	Isso não... ((risos))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição	--	Maria Éster... —.dá pra... ta longe aí né... pequenininho... eu também não enxergo direito...— Oliveira da Silva... e ela também é coordenadora
Superposição	[apontando o local onde ocorre a superposição	MG: Nova Iguaçu [JM: ah
Simultaneidade de vozes	[[apontando o local onde ocorre a simultaneidade	MN: [[eu falava.. mas NS: [[quatro ano.. deixa <i>(indica que duas conversas ocorrem simultaneamente)</i>
Indicação de que a fala foi retomada	... no início	EM: a gente ta mandando pros coordenadores e eles tão colocando onde... EM: ...nas bibliotecas...
Citações literais ou leituras de textos	“ ”	aqui... “vimos por meio dessa... desta agradecer o envio dos livros...”
Indicação e continuidade de gestos significativos,	* início e fim do gesto* *-----→*	NS: i::xi... faz tempo aqui *-----

com a descrição de gestos	continuidade gestual	-→* ((aponta com o dedo))
---------------------------	----------------------	---------------------------

(Morato *et alli*, 2006)